

Comunicação e etnomidialogia na prática de escritores indígenas amazônicos Maraguá e Sateré-Mawé

Renan Albuquerque Rodrigues¹
Adeandra Rodrigues Ferreira²
Dener Albuquerque Ribeiro³

1. Introdução

1.1 A literatura indígena amazônica

A contemporaneidade apresenta formas complexas de comunicação que orientam povos amazônicos ambientados em interiores rurais e ribeirinhos do bioma. Essas formas são permeadas por instrumentais que envolvem mudanças as quais aglutinam-se a modos de vida. Dentre as diversas possibilidades de comunicação na Amazônia, está à literatura, um meio que agrega narrativas fundamentais (KRÜGER, 2003).

Os termos “mídia” e “etnia” ou “mídia” e “diversidade” vem se disseminando nos últimos anos na sociedade em geral que tem acesso à literatura, abarcando também questões relacionadas a grupos étnicos nos meios comunicacionais. Estudos relacionados a essas temáticas tem sido investigados a partir do conceito de etnomidialogia, que significa buscar compreensões da comunicação midiática no sentido multi e transmidiático como um sistema integrado, interdisciplinar e especializado, meio a diversidades culturais (FERREIRA, 2012).

Buscando incentivar questões direcionadas à comunicação, arte e literatura na Amazônia, escritores indígenas fundaram o Instituto de Artistas e Escritores Indígenas Wewa’a, sediado em Manaus, capital do Amazonas, que tem como objetivo divulgar publicações em geral, e sobretudo livros para públicos adultos e infantis, que discutam temáticas ameríndias.

Esses autores, na maioria das etnias Sateré-Mawé (Baixo Amazonas) e Maraguá (Médio Madeira), tem se preocupado em apresentar para a sociedade um modo próprio de construir seus escritos, com temáticas locais ancoradas em saberes e fazeres indígenas, naturalmente pautados por

1 Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/Ufam). Docente orientador do projeto PIBITI/CAPES.

2 Graduanda em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (PIBIC/FAPEAM).

3 Graduando em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas, bolsista de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PIBITI/CAPES).

ancestralidades e tradicionalismos históricos.

Nesse intuito, os integrantes do Wewa'a uniram-se para fomentar debates, em primeiro lugar, a partir de sua condição de povo étnico; e também tendo vista problemáticas nativas; e em segundo lugar do fato de terem habilidade e aptidão para artes literárias, descrevendo crenças, atitudes, valores e ideologias relacionadas a saberes locais (VILAÇA, 2000).

2. Enfoque teórico

Tendo em vista o aporte teórico da etnomidialogia e das práticas comunicacionais implicadas, buscou-se investigar essas duas conceituações – com angulação para influências de veículos do meio midiático na construção social do Instituto Wewa'a.

O conceito de etnomidialogia diz respeito a uma cultura comunicacional de abordagem interdisciplinar, que tem como meta apresentar possibilidades de entendimento sobre a comunicação que povos étnicos realizam, e a diversidade das matrizes culturais. A perspectiva da etnomidialogia é sedimentar-se como marco teórico afinado a questões étnico-culturais, no âmbito da comunicação (FERREIRA, 2012). A etnomidialogia busca entender como vínculos interpessoais são construídos a partir de contatos e em que medida práticas comunicacionais são estabelecidas pela contemporaneidade. Esse entendimento almeja a ampliação de conexões estimuladoras de relações socioculturais (FERREIRA, 2015, 2011).

Nessa perspectiva, o Instituto Wewa'a dialoga e se serve de pressupostos da etnomidialogia tendo em vista o fato de se utilizar de mídias para divulgar ações e atividades do instituto, pautadas em questões socioculturais e étnicas. As redes sociais (Facebook, Twitter) são as principais ferramentas para produzir percepções e concepções populares acerca do Wewa'a, bem como divulgações de saberes e fazeres étnicos criados a modo próprio por seus membros. A construção da etnomidialogia sobre o instituto aborda significados sobre a inserção desses grupos indígenas na mídia e a forma como eles utilizam-se desta para se promover e propagar suas crenças e valores.

Partindo do suposto da etnomidialogia, pretendeu-se entender a mídia não como um viés estático ou meramente informativo, mas como meio para se representar fenômenos socioculturais que buscam modelar conceitos e construções acerca de novos paradigmas relacionados a povos étnicos e mídia. Destituindo as representações estereotipadas dessas etnias como “grupos minorizados”, a ação etnomidialógica busca redefinir terminologias associadas aos indivíduos envolvidos no Wewa'a e as coletivos das etnias associadas, quais sejam: Maraguá, Sateré-Mawé,

Munduruku e Ticuna, prioritariamente (FERREIRA, 2012).

No tocante às práticas comunicacionais, podem ser compreendidas como ações interativas de vertente ampla, que podem ser compreendidas como interposto para lapidar e valorizar vínculos étnicos na contemporaneidade midiática. Práticas comunicacionais são exatamente as ferramentas usadas para a difusão de conceitos epistemológicos sobre atividades e produções étnicas. Essas ferramentas consolidam diálogos democráticos referentes a grupos nativos e fortalecem a compreensão da etnomidialogia, corroborando para a construção de novos aspectos culturais baseados na ressignificação de ideologias. Dentro desse âmbito, o Instituto Wewa'a adota medidas para realizar suas atividades envolvidas na arte literária, visto que, práticas comunicacionais estão presentes em todos os segmentos sociais, conectadas aos diversos públicos a que o instituto enseja abordar para divulgar e popularizar suas produções.

A literatura indígena inserida no mundo global com parâmetros tradicionais estreita-se principalmente com o público infanto-juvenil, que é exaurido pelas novas tecnologias apresentadas de forma atrativa e eficiente, e para esse público as práticas comunicacionais de origem tradicional devem ser realizadas de maneira modificada, ou seja, com o uso de diferentes formas de comunicação contemporânea, observando-se as mais adequadas às novas tendências. A esfera comunicacional moderna oferece uma dinâmica tecnológica para se melhor abordar a democratização da literatura indígena, agregando recursos para se disponibilizar informações do instituto de chamar atenção de leitores. Nesse contexto, unificam-se duas vertentes: a comunicação de massa e a literatura, que congregadas às práticas comunicacionais modernas de multimídia formam um eixo de desenvolvimento para a arte literária indígena.

3. Metodologia

Buscou-se estudar de modo qualitativo, via abordagem transversal, práticas comunicacionais e implicações dessas práticas que estejam servindo como conjuntos de estratégias para que o Instituto Wewa'a projete visibilidades no contexto amazônico. A temática em questão preocupa-se em ponderar estratégias comunicacionais utilizadas pelo instituto para apresentar o povo étnico no cenário midiático e literário, observando em que medida esses povos adotam meios de comunicação para construir sua etnomidialogia e se representar na condição de povos ameríndios. Haja vista que, tais povos enfrentam dificuldades para ter um cyberspaço totalmente inclinado a desenvolver suas atividades e disseminar saberes étnicos para edificar seu legado cultural no tempo e espaço.

O estudo possui recorte transversal, que se utiliza de tratamento hermenêutico para interpretar obras literárias escolhidas por conveniência, segundo definição a priori de livros analisadas. Foram escolhidas duas obras do Instituto Wewa'a: *MaraguáPéyára*, de Yaguarê Yamã, Elias Yaguakãg, Uziel Guaynê e Roni Wasiry Guará; *Tykuã e a origem da anunciação*, de Elias Yaguakãg. Nas obras, se pretendeu perceber o contexto social amazônico na medida em que a comunicação se faz presente e constrói a identidade do Instituto Wewa'a no meio social. Os instrumentos de coleta de informações foram entrevistas via rede social e pessoalmente com autores e fundadores do instituto, em que se fez o uso de gravadores e diários de campo.

Para a análise, o entendimento proposto foram entrevistas e leitura de artigos com conteúdo que remetem à ideia de correlação entre “mídia” e “etnia”, sendo feita à separação das unidades temáticas usando técnicas de interpretação para análise por inferência. Nos procedimentos de análise foram feitas descrições referentes à: i) apresentação do indígena em face ao contexto amazônico segundo o Instituto Wewa'a (*Maraguápéyára*), ii) construção de mundo a partir de obra do Instituto Wewa'a (*Tykuã e Origem da anunciação*); iii) comunicação utilizada por indígenas do instituto para se inserir no contexto urbano e iv) inserção de indígenas no meio midiático.

4. Resultados e Discussão

4.1 Debate sociohistórico: sobre o indígena em face ao contexto social amazônico segundo o Instituto Wewa'a

A literatura indígena é marcada pela arte, história e comunicação de povos que buscavam reconhecimento histórico-social na contemporaneidade, tendo um espaço próprio para construir sua etnomidialogia e fazê-la um meio comunicacional para alcançar metas em geral – entre elas, reconhecimento literário – visto que a mídia não popularizava e não agregava valores comunicacionais ao trabalho dos escritores indígenas. No entanto, esses povos têm se utilizado de suas habilidades criativas para se inserirem nesse meio restrito (da mídia) de forma interativa e lúdica, apresentando contextos sociais amazônicos, modos de vida e saberes étnicos.

Todavia, a literatura indígena era um desafio para esses povos, pois mostrar para o mundo a sua história através de contos, novelas, romances, lendas etc., sem haver o apoio midiático, era improvável. Porém, os contadores de histórias, como são conhecidos por usarem da oralidade na transmissão de conhecimentos, uniram-se para se fazer conhecer e fomentar reflexões sobre a pessoa indígena. O instituto Wewa'a reúne hoje obras escritas que apresentam tais histórias,

mostrando a identidade indígena por meio da literatura e credenciando autores a continuarem seus feitos, para o desenvolvimento das relações de ameríndios com a sociedade contemporânea.

Escritores nativos do presente se apegam a elementos de tradição e ancestralidade para tecer rumos de uma velha e, ao mesmo tempo, nova história que busca recompor seus elementos memoriais em função de uma oralidade, de sua identidade e de se contrapor a modelos interpretativos de caráter universal. Esse pareceu ter sido o mote de construção da linha central orientadora do Instituto Wewa'a. O que segue, procura pontuar vieses acerca dessa linha.

Uma linha editorial distante do que geralmente se nota nos meios de comunicação de massa, como rádio, televisão e jornais impressos, principalmente. Estes são pautados por contingências sociais, sendo que ações alternativas de educação e letramento, como é o caso do Instituto Wewa'a, ocupam pouco espaço nesse conjunto de notícias veiculadas pela mídia. Porém, são meios que jamais perderam seus públicos ou deixaram de existir por fomentarem debates nem tanto afeitos às letras e à educação – a não ser via programas segmentados.

É uma estratégia de mídia, no entanto, que tem se ressignificado por meio de novas tecnologias, capazes de auferir inserções e interações em meios de comunicação de massa. Por exemplo, até o ano de 1995 pessoas escreviam sobre povos indígenas sem a autoafirmação. Ou seja, eram autores indigenistas, escreviam sobre povos indígenas, mas não se declaravam indígenas. Um contrassenso efetivo. Nessa época, ainda não havia escritores indígenas independentes. Porém, alguns anos depois, um trio de indígenas natos apresentaram obras de sua própria autoria e com esse marco a literatura indígena surgiu com uma nova visão e um novo significado.

De 1995 até hoje, houve fortalecimento da visibilidade de escritores indígenas no mercado editorial amazônico. Seja por questões de mercado – como melhor preço para edições populares de livros – quanto pela procura coletiva ou isolada de leitores em busca de obras desse porte, nas quais autores indígenas têm sem apoiado de condições técnicas e materiais para se comunicar, a realidade circundante de décadas passadas não era favorável para inserir a literatura indígena no mercado editorial e não haviam condições de produção para o fortalecimento da escrita étnica desses povos e do diálogo intercultural proposto.

Com a criação do Núcleo de Escritores e Artistas indígenas (Nearin), a literatura nativa oriunda de textos de autores do Baixo Amazonas começou a ser fortificada pela união de indígenas independentes amazônicos, que visavam apresentar seus trabalhos em forma de arte literária a povos indígenas e não-indígenas. A partir disso, começam a ser criados institutos como a Casa dos

Saberes Ancestrais (Instituto UKA), que foi fundada e atualmente é presidida por um indígena, Daniel Munduruku, com objetivo de expandir e relacionar a questão indígena com o meio social urbano de grandes cidades, utilizando a literatura como principal atividade de interligação.

O instituto Wewa'a atualmente coordenado e presidido respectivamente pelos indígenas Ely Macuxi e Yaguarê Yamã foi idealizado em 2010, com a iniciativa de se criar o primeiro instituto de autores independentes na Amazônia para fortalecer a autoria ameríndia que se apresenta no âmbito contemporâneo com a proposta de retratar a realidade factual indígena. Os autores nativos são oriundos do complexo amazônico. Wewa'a, atualmente localizado no espaço da editora Valer, em Manaus, dispõem de 46 obras de conteúdo infantil e adulto, escritas por 13 autores que fomentam saberes culturais amazônicos.

Partindo desse contexto, infere-se que há tendências marcantes no campo da informação literária de viés nativo, as quais funcionam como meio para a geração de conhecimentos para a sociedade urbana a partir de experiências imemoriais de índios brasileiros, implicando, assim, na construção e reconstrução de saberes e fazeres sociais por interposto de novas tecnologias, como a comunicação por meio da literatura. E para se almejar a compreensão dessas tendências, toma-se a contento a etnomidialogia, a qual busca interpretar, dentre demais questões, em que medida povos étnicos propagandeam e publicizam seus escritos e suas criações literárias.

Essa esfera comunicacional, a etnomidialogia, abrange a arte literária de escritores indígenas por meio de suas obras, oferecendo uma dinâmica tecnológica para melhor composição das narrativas, agregando a esta recursos para disponibilizar informações e divulgar atividades para leitores e interessados. Nesse contexto, unificam-se duas vertentes: a comunicação instantânea por meio do marketing e de peças publicitárias e a literatura, que congrega práticas comunicacionais que formam um eixo de desenvolvimento para a cultura indígena de modo geral.

Por meio dessa comunicação, afiliam-se formas de interação tecnológicas utilizadas pelos grupos étnicos, nos quais usufruem dessa feita para conectarem-se em tempo real. Tais tecnologias intervêm diretamente e indiretamente no cotidiano desses grupos, levando até eles possibilidades de comunicação para absoluta inter-relação das populações. Por meio da literatura, na qual encontra-se livros para os públicos infanto-juvenil e adultos editados por escritores indígenas que se apresentam mediante a seus feitos congregando sua identidade étnica a exemplificar questões amazônicas.

4.2 A literatura do Wewa'a: sobre a construção de mundo a partir de obras do Instituto

4.2.1 Livro *Maraguápéyára*

O Instituto Wewa'a, entre suas ações etnomidialógicas de democratização do saber tradicional para o grande público via literatura, procura dar visibilidade às relações familiares e de parentesco existentes na etnia Maraguá. A relação entre grupos étnicos apresentados no livro *Maraguápéyára*, organizado por Yaguarê Yamã, Elias Yaguakãg, Uziel Guaynê e Roni Wasiry Guará, aponta estruturas clânicas em sua divisão de parentesco, no que se denota a importância da organização de relações consanguíneas, como também de laços simbólicos por afinidade. O instituto expõem no livro detalhes sobre a sistemática das hierarquias dos Maraguá e a forma como se congregam e correlacionam segundo peculiaridades de cada grupo ou aldeia.

As estruturas clânicas são formadas por hierarquias tribais, a partir das quais é escolhido um *tuxaua*, autoridade máxima da aldeia, índio velho que possui sabedoria empírica e prestígio por sua liderança, e que se orienta por direitos, poderes e funções de governo e administração ante seu clã. Desde de que é eleito, o *tuxaua* escolhido só perde o cargo por motivo de falecimento, e posteriormente o filho mais velho assumirá a função, mantendo a linhagem por atividade. Consequentemente, clãs são formações caracterizadas por estruturas familiares formadas a partir de transferência de doutrina geracional. Um clã pode possuir até cerca de 7 mil membros e cada clã faz referência a um animal detentor de simbologia perspectivista (VIVEIROS DE CASTRO, 1993; 2002).

Alguns clãs podem ser compostos apenas por homens, outros só por mulheres, e outros tem marcação independente do sexo. Normalmente não há migração de membros de um clã para outro.

No que se fundamenta sobre conformações de clãs, a literatura pautada pelo instituto Wewa'a demonstra forte relação entre membros de clãs e símbolos que os representam, haja vista que tais símbolos moldam afinidades territoriais ou por afinidades de personalidade (LIMA, 2005). Características clânicas diferem em sua organização social indígena. Cada clã tem seu fundador, um patriarca com marco na história da etnia por sua contribuição ao povo, por seu legado perpassado a gerações futuras, fortalecendo a tradição indígena pertencente aos integrantes dos clãs. Os quatro maiores clãs Maraguá (de um total de seis grandes clãs da etnia) são: *Aripunãguá*, *Çukuyêguá*, *Piraguáguá* e *Piragêguá*⁴.

O instituto Wewa'a, em suas obras literárias indígenas, interessa-se ainda em esclarecer a forma como grupos étnicos Maraguá se situam e são organizados, dando importância ao marco de

4 Os demais dois clãs de grande porte são Yaguarêguá (onça) e Tawatóguá (gavião).

criação de clãs e à construção de mundo da pessoa indígena por meio de pertencimento e regência em função de criatura amazônica.

Note-se o que segue:

i) Clã Aripunãguá: fundado pelo patriarca do povo Maraguá Evaristo Aripunã e tem como símbolo regente a *tapiú*, espécie de vespa das mais temidas. O inseto mede de 30 mm a 50 mm, sendo a maior das vespas europeias. Ela constrói o ninho em árvores ocas e com os favos fechados por paredes amarelas. *Aripunã* é seu nome em Maraguá. Esse é um clã dos mais antigos existentes, é composto por várias famílias que se localizam no rio Abacaxis.

ii) Clã Çukuyêguá: um dos maiores clãs Maraguá e seu nome se dá em homenagem ao seu símbolo, a cobra *çukuriju*, do original *çukuyuwê*, “abraço”. Faz referência à força e agilidade do *çukuriju* que captura suas presas asfixiando-as. O tuxaua fundador é Amadeu Reis Pamerög.

iii) Clã Piraguáguá: que significa “gente do boto-vermelho”, sendo a fundação está ligada a Manuel Antônio Piraguá, que no fim do século XIX retornou com seu grupo ao rio Abacaxis, passando pelo rio Curupira. Outro líder é o profeta Manuel da Silva Reis, que fundou também a fundação do “reino da paz”, em 1950, no antigo território Maraguá. O atual tuxaua é Messias Mukáwa que recentemente recebeu o título do pai, Belmiro Piraguá.

iv) Clã Piragêguá: É o único clã a permanecer no rio Abacaxis após o aldeamento e a expulsão do povo. Seus membros são os mais antigos moradores da região. *Piragêguá* significa “gente do poraquê”. A maioria vive na aldeia de *Kãwéra* e seu atual tuxaua é Nemésio Kaçaçára.

Contextualizando o proposto, no âmbito da construção de mundo a partir de obras do Instituto, enfatiza-se a questão da ancestralidade, a qual é um aspecto sagrado das narrativas místicas do Instituto Wewa’a, tendo em vista a importância que se é concedida a forma estrutural familiar dos povos indígenas, em especial o povo Maraguá. Quanto se remete a ascendência de clãs, busca-se compreender como surgiram traços marcantes na identidade dos clãs em função da origem de seus nomes, de rituais de oferendas, costumes, crenças, preservação de corpo e alma e simbologias de ligação a criaturas que regem humanos.

Observa-se que os guerreiros dos clãs adotam modos de vida de acordo com a sua ancestralidade, tendo como modelo a sua regência, com objetivo de alcançar a divindade como de seu “pai/guia”, como são chamados os seres ancestrais pelos seus descendentes, que são chamados seus “filhos”. Além de seus membros tudo o que faz parte do clã também é considerado um “filho” da divindade, como instrumentos sagrados usados em rituais, seres anímicos (crenças), pois é

considerado que para ser “filho” de uma divindade não precisa ter carne ou sangue, basta que tenha alma na concepção indígena, e para eles além de pessoas e animais, os seres faunísticos e florísticos também possuem vida.

4.2.2 Livro *Tykuã e a origem da anunciação*

Na literatura dos membros do Instituto Wewa'a, Elias Yaguakãg produziu o livro infanto-juvenil *Tykuã e a origem da anunciação* a partir de histórias contadas pelo avô. Este livro ressalta aspectos relacionados à cosmologia, construção da pessoa indígena, sobre vertentes de bem e mal e regência de ameríndios por criaturas amazônicas as quais são percebidas como seres antropomórficos nos mitos indígenas.

A crença cosmológica é um aspecto o qual orienta o modo de vida indígena, visto que é por meio de constelações de valores nativos que a pessoa indígena se estrutura no seu meio e no mundo, a partir da base de um ou mais seres superiores que inferem na constituição das sociedades indígenas em função de um parente-bicho comum (parentesco e estruturas clânicas). Essa crença se perpetua entre gerações, passando de pai para filho o entendimento de que existem pontos de vista diferentes, de gente e de bicho, correlacionando funções anímicas. Associado a isso, acredita-se que indígenas Maraguá, ao nascerem, são orientados a praticarem atos ou ações referentes a dons recebidos de modo inato pelo “pai/guia” ou seja, pelo ser superior que o rege.

No livro de Elias Yaguakãg, conta-se a história de uma criança indígena que recebeu o dom da adivinhação, e com esse poder ajudava a todos os que precisavam de orientações relacionadas à vida, tornando-se uma criança preciosa. Porém, a sua bondade causou inveja a outros indígenas. No livro citado, *Anhãgá*, o senhor da maldade, sentiu inveja do menino Tykuã pelo seu dom e seus feitos, usando-se de poderes ocultos para tentar tirar a vida de Tykuã.

A narrativa indígena apresenta a correlação da vida real com o plano cosmológico de seres metafísicos, que na concepção indígena é algo natural. Para eles, é como se fosse uma continuação da vida. Segundo as histórias indígenas, é como se eles estivessem preparando reencarnações em plano extrafísicos ao chegar a hora de ser chamado pelo seu pai/guia. Seres sobrenaturais fazem parte da existência constituída. São elementos comuns e naturalizados. O mito é uma forma de ver o mundo, de explicar os fatos e a origem de tudo. Tanto que povos ameríndios possuem lógica própria de compreensão de mundo (LÉVI-STRAUSS, 1978).

A compreensão de mundo dos povos indígenas retratada através da literatura pelo instituto

Wewa'a se dá a partir do fornecimento de coesão simbólica à percepção do indivíduo, entendido como parte de um corpo social, reforçando sua identidade étnica. Incorporando-se a humanos enquanto seres faunísticos, a natureza revela-se como casa, elemento protetor, complementariedade; e os animais são perseverantes espelhos da realidade do outro, como espiritualidades do bem e mal representadas.

Há simbologias de espaços e pessoas, a partir das quais se moldam terra, água, céu e floresta, enquanto planos de mundo delimitados como quatro divisões valorizadas pela etnia Maraguá, por meio de suas histórias e formas de representação da sociedade local. Destaca-se que os povos indígenas se apegam a esses elementos e mundos para produzirem seus sentidos, como os autores do Instituto Wewa'a demonstram em suas obras.

A produção literária indígena possui uma identidade repleta de valores e ideologias que apontam para uma representação fiel do povo. Fomentar narrativas vigentes que reflitam sob valores indígenas é uma forma de preservar elementos de cunho ancestral que fortalecem relações entre as sociedades. Características identitárias da escrita de autores indígenas constroem um advento literário próprio, ressignificando a imagem da pessoa indígena ante sua etnomidialogia, criando seu próprio espaço no meio midiático através da sua identidade, em que se viabiliza a importância do cenário amazônico indígena incutidos nas representações literárias.

Tykuã é referência da literatura infantil do Instituto Wewa'a, que faz aposta em contos atrativos para o público infantil, tendo em vista que estratégias que chamam atenção do público alvo como proposições sobre bem e mal e dilemas aventureiros (do tipo capa e espada), seguindo indicativos relacionados à figura de uma criança, a qual nos remete a sentimentos como amabilidade e afetividade materna, agregando valores com tons relacionados coragem e determinação – a exemplo de quando, na narrativa, Tykuã mostra força no enfrentamento ao *Anhãngá* (senhor da maldade).

Essas características são usadas como estratégia na literatura indígena para fazer com que o público infantil e todo o leitor que tenha acesso primeiro à obra possa “viver” a história contada, sentir-se como o personagem, tornando o livro atrativo e de fácil aceitação no mercado editorial. A literatura voltada para o público infantil, nesse sentido, ressignifica a antiga história de um personagem guerreiro, indígena, atribuindo a ele traços de afeição não somente a lutas e guerras em ambientes ameríndios, mas também peculiaridades que envolvam etnicidades e despertem emoção nos leitores, sempre com narrações de aventura, ação e vitória.

A etnomídia que se apresenta nesse gênero literário, portanto, representa a pessoa indígena no início de sua vida, o curumim, que nasce com determinações de guerreiro para sua vida, sendo o menino *Tykuã* a personagem que usa o seu dom para ajudar a todos. A representação indígena, dessa forma, expõe a pureza do coração (afeto) de uma criança Maraguá, o que representa os demais indígenas em reformulação de terminologias usadas pela mídia em relação à imagem da pessoa étnica que se tem por meio dos veículos de comunicação.

A massificação midiática do indígena contrasta com as estratégias etnomidialógicas do Instituto Wewa'a. A história analisada exemplifica diversos dilemas debatidos na sociedade contemporânea, conformando expressões e saberes usados de maneira positiva, buscando principalmente reconhecimento cultural e igualdade social.

4.3 Comunicação utilizada por indígenas do Instituto Wewa'a para se inserir no contexto social urbano

As formas de comunicação utilizadas por escritores do Instituto Wewa'a geram perspectivas acerca da realidade amazônica a partir da literatura. A comunicação é um fator sem o qual as pessoas talvez fossem incapazes de conviver em harmonia na sociedade, pois o ser humano a todo o momento constrói mecanismos pelos quais ele intercambia as informações, as ideias, os sentimentos e principalmente as suas opiniões (BELTRÃO, 1980).

Nesse âmbito comunicacional, a cultura é compartilhada, mobilizam-se ações e pontos de vistas diferentes que favorecem o mútuo reconhecimento de culturas diversas. Mecanismos de comunicação – como redes sociais, meio de comunicação em massa, literatura etc. – podem mudar a relação das pessoas com o mundo. Nessa perspectiva, informação e mensagem são tomadas não como objeto, mas formam interação ativa entre leitor e escritor. Através de concepções desse tipo, oriundas de uma visão em que a comunicação pode, além de transformar conceituações, transferir conhecimentos que se estendem até o reconhecimento de povos indígenas, por exemplo, para serem inseridos de maneira associativa pela sociedade. Assim, cabe apontar, que os ameríndios, hoje, almejam por meio das comunicações uma forma de se inserirem e terem reconhecimento social.

Diante de suas representações, por meio criadas a modo próprio, determinados grupos podem se significar com os seus modos de existir e somente assim eles podem ser caracterizados: a originalidade, a identidade são perspectivas existentes no meio indígena. Assim, as etnias reconfiguram suas relações com o mundo, essas relações vindas de suas próprias representações

mentais, construídas e não atribuídas por outros grupos da sociedade brasileira.

A valorização da cultura dos povos indígenas, dentro do contexto da avaliação por suporte da etnomidialogia, deu-se a partir do momento em que se compreendeu o índio com direitos e deveres (ao menos em âmbito legal), assim como outras sociedades brasileiras que contribuem para a diversidade cultural do país. Se identidade tem a ver diretamente com processos históricos e sociais, então não existe uma característica de indianidade única, mas sim uma diversidade cultural indígena com suas regras, políticas sociais, religiosas e outras.

A facilidade e o acesso aos meios de comunicação hoje dispostos corroboram para a evolução tanto pessoal quanto coletiva de grupos étnicos. Por meio das possibilidades de comunicação de massa, como aponta Yaguarê em sua fala, o conhecimento e a informação são disseminados de forma global, contribuindo para o desenvolvimento de povos indígenas mesmo que ambientados em áreas com acesso restrito a meios como redes sociais, whatsapp, sites etc.

Diversos meios de comunicação, atualmente, são de fácil acesso e baixo custo, e podem ser elencados como as principais ferramentas para a divulgação de saberes indígenas. E nessa busca por criar modos próprios que possam dispor da liberdade de divulgação e propagação de suas produções, membros do Wewa'a utilizam-se da escrita e das possibilidades de impressão gráfica para fortalecer a literatura nativa e seus grafismos, reconfigurando possibilidades de inserção no meio social.

Eli Macuxi, membro do Wewa'a, destaca que, por meio da comunicação, podem ser alcançados universos infinitos. Para ele, comunicar-se significa viver, existir. E trabalhar para a consolidação do instituto é uma vitória, tendo em vista que é por meio da ação literária que os indígenas podem se ressignificar e divulgar isso. Eli Macuxi relatou sobre a censura vivida pelos grupos étnicos até a década de 1990, quando a visão do índio pela mídia era ainda mais agressiva e restrita. Para ele, com os avanços tecnológicos, grupos étnicos encontraram nessas ferramentas possibilidades de mudança do *status quo*.

Partindo desse cenário, os grupos étnicos no presente se sentem, hoje, independentes para poder divulgar trabalhos e popularizar saberes com menor restrição midiática. Mas os meios de comunicação de massa ainda são pouco utilizados pelos indígenas para finalidades de divulgação de produções literárias ou imagéticas, mesmo partindo-se desse sentimento de independência. E essa pouca utilização não é algo escolhido, mas se trata de contingência que está sendo vivenciada. Portanto, no tocante à comunicação utilizada por indígenas do Instituto Wewa'a para se inserir no

contexto social urbano, em suma projeta-se que o principal meio utilizado por membros do Wewa'a são as redes sociais (facebook, twitter, instagram) e blogs voltados para questões amazônicas.

4.4. A inserção dos indígenas do Instituto Wewa'a no meio midiático

O Instituto Wewa'a se preocupa em transmitir, por meio de obras divulgadas em formato de livro infantil, infanto-juvenil e adultos, a realidade fidedigna da sociocultura ameríndia brasileira, recuperando memórias indígenas para formar fundamentações que exemplifiquem realidades factuais e históricas. Essa proposta se justifica na medida em que a perspectiva indígena, hoje, tem sido ancorada por viés mercadológico, folclorizada e exotizada, sendo conformado espetáculos que descaracteriza a verdadeira cultura indígena.

Com esse objetivo, integrantes do Wewa'a desobrigam-se a seguir lógicas do mercado editorial, visto que necessitam que leitores reflitam sobre povos a partir de categorias nativas, por transparências culturais, apresentando-se não apenas como membro do bioma Amazônia, mas inserido na sociedade contemporânea. Essa inserção dá-se via etnomidialogia e tem gerado impactos positivos em ambos os meios, tanto o étnico quanto o urbano.

A literatura indígena produzida a modo próprio é o grande diferencial do Instituto Wewa'a. Seus membros visam a que as narrativas gerem impactos nos leitores, que estes possam reconhecer e identificar socioculturas indígenas com base epistemológica própria. E por meio de entendimento da pessoa indígena como implicada em um meio social amplo e diverso.

A etnomidialogia buscar socializar e conjuminar os meios étnico e midiático, para que existam diálogos na mesma proporção entre índios e veículos de comunicação, evidenciando práticas não urbanas e gerando efeitos sobre a sociedade geral. Esses efeitos seriam protuberados a partir de concepções autênticas sobre povos étnicos, vinculadas a terminologias classificatórias primitivas.

Impactos gerados com a repercussão de indígenas mesmo de forma indireta na mídia conseguiriam paulatinamente romper ideologias construídas pela força da colonização e reproduzidas pelos meios de comunicação, expondo contextos indígenas de forma legítima e consequentemente causando impressões positivas a respeito da imagem ameríndia.

Essa é uma pressuposição que vem sendo reconfigurada por meio de obras literárias construídas por escritores do Instituto Wewa'a que se interessam não somente na publicação e divulgação de seus escritos, mas sim com a interpretação do leitor em razão do conteúdo literário

produzido. Textos do Instituto Wewa'a estão pautados em apresentar narrativas, e não apenas histórias que envolvam elementos míticos, fazendo com que leitores reflitam sobre a pessoa indígena enquanto representação sociocultural brasileira.

Conclusão

A inserção dos povos étnicos no contexto social comunicacional via literatura fomenta o reconhecimento democrático dos indígenas amazônicos, os quais vem conquistando espaço para divulgar sua identidade e seus fazeres via estratégias de etnomidialogia. O viés literário atualmente é uma das formas mais aceitas pela sociedade para a integração de ameríndios em espaços não indígenas e principalmente midiáticos. Portanto, utilizar-se desse propósito para disseminar conhecimentos – por meio das obras e da divulgação delas para comunidades amazônicas – e almejar transformações de porte sociocultural, é uma atitude positiva. Os povos étnicos, nesse sentido, inscrevem-se na sociedade urbana a partir de um acervo composto pelos próprios autores indígenas, que retrataram a realidade factual nos livros, as construções de mundo e de pessoa indígena, a ancestralidade e as uniões de parentesco, dentre demais questões.

A inserção dos indígenas no meio não indígena a partir da literatura, de modo estrito, nem sempre poderá ser uma atividade entendida como uma ação etnomidialógica, de disseminação cultural, de interação com o outro. Na academia, poderão haver controvérsias teóricas nesse sentido, mas a conclusão desse estudo aponta que sendo a literatura uma gatilho amplamente objetivo e positivo para se propagar ideias nativas ela, sim, em certa medida se aproxima, estrategicamente, dos pressupostos da etnomidialogia. Mas se a literatura gera ambiguidades concernentes ao seu entendimento como “ação etnomidialogia”, a divulgação massiva dos trabalhos literários via redes sociais, publicidades de web e sites próprios, não deixa dúvidas de que a ideia de etnomidialogia vem sendo utilizada pelos integrantes do instituto Wewa'a.

No tocante à apresentação do indígena em face ao contexto social amazônico, segundo o Instituto Wewa'a, compreendeu-se que os povos indígenas apresentam sua realidade sem espetacularização, por meio da literatura, dando valor a elementos de tradição e ancestralidade para desenvolver produções sobre o contexto social amazônico, recompondo características que expressem a identidade indígena, contrapondo modelos interpretativos de caráter universal.

Acerca da construção de mundo a partir de obra do Instituto Wewa'a, notou-se que formações de parentesco e concepções ancestrais perpassadas a gerações influenciam fortemente na

literatura indígena. Percebeu-se, ainda, que nos escritos a relevância atribuída a um ser mítico ou vivo que se acredita ser um pai/guia, orientador de uniões clônicas, segue uma linha de formação intelectual. A cosmologia é o principal aspecto orientador do modo de vida indígena e consequentemente também das narrativas.

Sobre a inserção de indígenas do Instituto Wewa'a no meio midiático, concluiu-se ser esse um dos principais objetivos dos membros da organização, que visam inserir por meio das obras conteúdos fidedignos e despertar reflexões nos leitores acerca da realidade factual ameríndia. Por fim, cabe afirmar que os escritores do instituto Wewa'a encontraram na literatura e nas estratégias etnomidialogia a ela ancoradas, meios para se inserir na mídia e transmutar a realidade.

Referências

FERREIRA, Ricardo Alexino. A etnomidialogia e a interface com o politicamente correto. SP: Extraprensa (USP) - Ano IV- nº 10 – julho/2012.

FERREIRA, Ricardo Alexino. A formação do jornalista na abordagem dos fenômenos da diversidade e dos grupos minorizados: Uma perspectiva didático-pedagógica da educomunicação e etnomidialogia. SP: Extraprensa Edição Especial.

LANGDON, Ester. Introdução: xamanismo – velhas e novas perspectivas. In: LANGDON, E. J. M. (org.) Xamanismo no Brasil: novas Perspectivas. Florianópolis: Ed. UFSC, 1996, p. 113-134.

LIMA, Tania Stolze. Um peixe olhou para mim. Sao Paulo: Unesp, 2005.

VILAÇA, Aparecida. O que significa tornar-se outro? Xamanismo e contato interétnico na Amazônia. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 15, n. 44, out 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092000000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 março de 2014.

PÉREZ-GIL, Luiz. O sistema médico Yawanáwa e seus especialistas: cura, poder e iniciação xamânica. *Cad. Saúde Pública*, vol.17, no.2, p.333-344. ISSN 0102-311X, 2001.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Alguns aspectos da afinidade no dravidiano amazônico. In: E. B. Viveiros de Castro & M. M. Carneiro da Cunha (eds.), *Amazônia: etnologia e história indígena*. São Paulo: Núcleo Hist. Indígena/ USP, pp. 150-210, 1993.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Xamanismo e sacrifício. In *A inconstância da alma selvagem*. 457472São Paulo: Cosac & Naify, 2002.